

Creio que esperamos do atelier de um artista que seja um espaço sincero. Um lugar de conforto que, ansiando por uma dimensão inspiradora, seja sobretudo oficial, sem rodeios ou atrasos.

A sinceridade é uma característica cada vez mais excêntrica, mas é-o por definição, desde sempre. Em liberdade, ou em intimidade, todos somos feitos de mais ou menos irregulares estranhezas, isso é o que podemos designar de normal. Quem não for estranho sozinho é anormal, não é gente.

## Questões de sinceridade, sobre o atelier de Agostinho Santos

Valter Hugo Mãe

Digo acerca da dimensão oficial porque o artista plástico é eminentemente um indivíduo da família dos construtores, os de casas incluídos, mas desviado pela fúria de fazer comparecer o que não compareceu pela natureza, o que não é senão da sua própria natureza. O artista fabrica o mundo, mais do que simplesmente lhe assistir. Ele usa o que consegue para inaugurar o seu lugar nunca antes mapeado, nunca antes visto. Um lugar simbólico, ideal, que os seus espectadores vão sempre achar que começa em dois pontos essenciais: no imaginoso engenho e no atelier. Isto é, sendo impossível tomarmos um café no imaginoso engenho de alguém, curiosos aproveitamos a oportunidade de entrar num atelier, espaço de génese e mostra, onde coisas começadoras e terminais se cruzam.

O atelier de Agostinho Santos é sinceridade pura. A um tempo acervo e estaleiro, o espaço é a manifestação daquela excentricidade honesta, uma exuberância que advém da intimidade quando exposta. Claro que toda a intimidade

pode ser trabalhada, e podemos prepará-la para receber os outros. A intimidade é também um lugar de acolhimento. Mas o que se passa no lugar de Agostinho Santos é da ordem das origens silvestres, em que a profusão das obras é de tal modo que elas se comportam como seres orgânicos em campos livres. Estamos num campo livre, por mais que a cultura nos meça, entramos ali como num campo de grande rebeldia e espontaneidade, desses que dão verdadeiramente maravilhas como malmequeres e ervas-príncipe. O atelier de Agostinho Santos dá tudo. Ali, somos assaltados pela riqueza abundante de um visionário, alguém que é semente gigante e que não se impede de nada. Os sentidos são estimulados igual ao que acontece numa queda. As imagens passam no correr dos olhos com a velocidade estranha da quantidade. Só mais tarde, quando de algum modo paramos de cair, ou paramos de entrar, podemos fixar cada peça, cada forma, e começar a aprofundar a longa e fortíssima narrativa do trabalho de Agostinho Santos, ou não fosse ele um amigo de Manuel António Pina e Álvaro Magalhães, esses magníficos senhores das narrativas e das palavras. Ou não fosse ele um leitor do senhor José Saramago, sobre quem pintou largamente.

Percebemos, com facilidade, que estar no atelier de Agostinho Santos é como entrar num vórtice para onde todas as formas e cores, todos os gestos, palavras e assuntos são convocados. Ficamos como que dentro do caminho da arte. Estamos no percurso que o artista faz, essa impressão interior que não se explica, estuda-se por aproximações e só se conhece por sensibilidade e melindre. Somos intrusos, claro, mas a arte foi sempre isso: uma entidade superior que se nos dispõe apenas em parte. Por mais brilhantes ou assíduos, estamos sempre externos, assistindo, como intrusos fazendo um esforço para entender o que tende a ser impossível de entender. O sentimento não é frustrante, é glorioso. É a dimensão de transcendência que verdadeiramente nos assiste.